

Fiaminghi, a Pintura como Labirinto

O percurso de Fiaminghi possui o único caso de real ruptura da Pintura brasileira. Já entre suas telas geométrico-construtivas – aquelas únicas que muitos lembram ao classificá-lo como “pintor concreto”, por pura ignorância – ainda na década de 50, a transparência, desconstruindo os limites da cor chapada e da geometria, inverteu o rumo do pintar. Se, antes, sempre ia da tinta à tela, Fiaminghi foi da tela à tinta, descobriu o avesso da Pintura. A tinta, não mais como cobertura, é matéria-prima de transparências. Com este corte, Fiaminghi entrou e nos levou ao labirinto de sua CORLUZ, sem discurso, sem ordens extrínsecas. Infinitas situações e escalas para o percurso do olhar, sempre em surpresas: quanto mais se vê, mais se tem a ver. A luz que aí se mostra não é um efeito, uma ilusão de semelhança. Afinal, não existe luz na Pintura. O que as tintas na tela fazem é refletir luz, não? Hiper-construtivo, aquele que cria sua própria geometria, Fiaminghi, com uma cor mostra outras cores, em quantidades ilimitadas e indefiníveis – mesmo quando em única pincelada, não importa a que distância se coloca o observador. Ver suas telas é experimentar uma dinâmica essencial, dupla: a do olhar como atravessar a Pintura e como instrumento para transformar o próprio olhar. Olhar o mundo existe antes e depois de Fiaminghi.

M. A. Amaral Rezende

Agosto 2001